

# Díario de Notícias

TERCEIRA SECÇÃO

Domingo, 16 de Maio de 1943

Assuntos femininos  
Últimos modelos

## AMERICA



**Exposição Lasar Segall** — A exposição de Lasar Segall, ontem inaugurada no Museu Nacional de Belas Artes e organizada por iniciativa do Ministério da Educação, vem proporcionar ao público carioca um conhecimento, mais minucioso e íntimo de um dos nossos mais originais pintores modernos. Nascido na Rússia, Lasar Segall é, entretanto, por todos os títulos, considerado um autêntico artista brasileiro, pois, residindo entre nós, em São Paulo, há trinta anos, e tendo adquirido a nacionalidade brasileira há vinte, isto é, desde 1923, aqui foi que formou sua personalidade, tendo levado o nome da pintura brasileira aos grandes centros europeus e norte-americanos que visitou mais de uma vez e onde expôs com êxito. Sua exposição, ontem aberta nesta capital, inclui 260 trabalhos, das várias fases de sua carreira de artista, e entre os quais se destacam suas formosas telas "Guerra", "Navio de Emigrantes" e "Pogrom", em que uma técnica vigorosa e pessoal salienta a dramaticidade dos motivos. Do catálogo consta, como prefácio, um longo estudo do escritor Mario de Andrade, sobre a personalidade e a obra do pintor, reproduções de vários quadros e desenhos expostos e dezenas de referências de críticos nacionais e estrangeiros. No clichê uma reprodução da tela "A jovem dos Cabelos Compridos".

## JOHN

Luiz da Câmara

(Especial para o D

## NOMES POSTIÇOS

Valdemar Cavalcanti

(Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

A mania dos nomes postiços, na vida literária, parece que vai aos poucos desaparecendo. Pelo menos já não são os pseudônimos usados com a frequência de antigamente. Seja por que motivo for — e a interpretação do fenômeno é um assunto que entrego de mão beijada aos psicólogos —, o certo é que hoje os escritores e jornalistas preferem aparecer de público sem quaisquer disfarces, com os nomes que receberam na pia baptismal. A tal ponto que assume até um vivo relevo de exceção o fato de alguém lançar um livro sob pseudônimo, como é o caso de ilustre dama da aristocracia rural mineira que utilizou o pseudônimo de Helena Morley para publicar um volume de reminiscências — *Minha vida de menina*.

Noutros tempos, entretanto, era isso a mais vulgar das atitudes literárias. Já não quero referir-me, aqui, às obras cuja natureza panfletaria ou polêmica exigisse ou parecesse exigir as precauções do possível anonimato. O *Libelo do Povo*, por exemplo, é natural que fosse mesmo assinado por um misterioso Timandro, e não por Sales Torres Homem, que não quis comprometer-se ostensivamente com o furor demagógico e os excessos libertários que caracterizam aquelas suas páginas. Também o Conselheiro Lafayette justificativamente procurou esconder-se sob o pseudônimo de Labieno quando feriu fundo as vaidades de Silvio Romero com a publicação na imprensa, depois, em volume, do seu *Vidúcia*.

Os nossos autores gostavam de ocultar a própria identidade mesmo ao publicar livros de

inocente literatura — justamente aqueles que em geral mais contribuem para o renome literário. Ai está José de Alencar que, depois de haver alcançado prestígio nos círculos intelectuais, adotou dois pseudônimos — sem contar, portanto, o *Idas* das cartas literárias sobre a poesia de Gonçalves de Magalhães e o *Erasmus* das cartas políticas — para lançar a lume alguns de seus romances: o *G. M. de Luciola*, *Diva e Senhora*, e o *Senio de O Gaúcho*, *A Pata da Gazela*, *Guerra dos Mascates*, *O Tronco do Ipê* e *Sonhos de Ouro* — nada menos de 8 obras entregues à sorte do anonimato. Outro que também assim procedeu foi o Visconde de Tannay: concedeu a *Silvia Dinarte* a autoria de varias obras — *A Mocidade de Trajano*, *A Inocência*, *Lágrimas do Coração*, *Ouro sobre Azul*, *Historias Brasileiras*, *Narrativas Militares e Céus e Terras do Brasil*, e a *Heitor Malheiros* a autoria do *O Encilhamento*. Coelho Neto foi o Anselmo Ribas das crônicas *Bilhetes Postais*, do romance *O Rei Fantasma* e dos contos de *Fruto Proibido*, bem como o Callban de *Album de Callban* e *O Arara*. Quem era Armando Quevedo, o autor de *uma Arte de Conquistar as Mulheres*? Era Medeiros e Albuquerque.

Os jornais doutros tempos eram povoados por uma verdadeira multidão de falsos autores, em que se multiplicavam os escritores e publicistas da época. Proliferaram nas colunas da imprensa os *Joões-sem-nome* dos folhetins, das crônicas leves e dos artigos pesados. Por um milagre de auto-fecundação, muito jornalista dispersou a própria personalidade em inúmeros jornais sem registro civil.

Essa mania iria criar densos e fatigantes problemas para os

"basta frisar que corri todo o jornal de José do Patrocínio, *"Cidade do Rio"*, e anotei religiosamente 286 pseudônimos". Com 776 verbetes ele compôs os cinco pequenos volumes do futuro dicionário especializado em cuja elaboração se empenha.

Alguns autores, pelo que vemos, preferiam, e preferem, ainda, os pseudônimos simples, que se resumem numa ou duas vogais: são muitos os A., os I., os Y., como não são raros, também, os K., os J., os X., os Z. Pseudônimos pobres, paupérrimos, em relação a certas extravagâncias de espantoso mau gosto: o *Acácio de Xexas* e o *Atta-Troll*, de Alberto de Oliveira; o *Semicúpio dos Lampeões*, de Artur de Azevedo; o *Viscon-*  
(Conclue na 2.ª página)